

CONCLUSÃO

O esgotamento da fórmula augustana como religião oficial, o avanço do orientalismo, as novas expectativas psico-sociais do Império em sincronia com as dificuldades materiais crescentes e, também, os exemplos de luta política em Roma são as diversas vias de explicação para o fim da Idade de Ouro Antonina. A época dos finais do século II requeria um novo equilíbrio, daí a imagem criada de Marco Aurélio servir muito convenientemente este propósito. Um mundo como o Romano, onde o conceito de poder estava tão impregnado de mística religiosa e onde o direito divino e a soberania imperial tendiam a identificar-se, consegue justificar que o jovem Cómodo, preso a um conflito irresoluto com a aristocracia, quisesse consolidar a sua posição pela via da exaltação (sem limite) do carácter sagrado da sua função.

Em suma, em Cómodo, a contra-ordem da moral mais tradicional domina a ordem do real e, em Aurélio, a ordem da moral tradicionalista alia-se à realidade. Cria-se a regra que define os conceitos de mau/sombrio e bom/luminoso imperador, respectivamente. São arquétipos bem instalados na tradição senatorial-historiográfica. O domínio absoluto desta forma de escrever história faz com que o cariz impessoal dos acontecimentos se personalize na figura do imperador, sobre o qual se aplica uma redução ou um aumento moralizante. O resultado não podia ser outro: a distorção da realidade em cada um dos imperadores.

Esta dissertação não pretende ser uma negação, mas sim uma relativização crítica do valor histórico das vidas dos imperadores Marco Aurélio e Cómodo nas fontes antigas. Assinalaram-se alguns episódios particulares e pormenores opostos dos dois imperadores para que não se deixe levar pelas imagens estereotipadas provenientes das areias movediças das entre-linhas da historiografia antiga. É certo que se tem entre mãos uma importante bagagem de informações para tentar fazer uma reconstrução dos principados, mas compreende-se agora os estereótipos dos dois imperadores, no sentido de um pró-aurelianismo e de um anti-comodianismo. Percebe-se que em ambos os principados há elementos distorcidos, possivelmente um em função do outro, em padrão de fim dinástico. Não se pretende criar uma concepção historiográfica que se reduz às qualidades ou aos vícios das individualidades em questão, percorre-se antes o objectivo

Conclusão

de encontrar intuítos moralizantes e didáticos que acabam por suspender a própria realidade histórica.

Com esta dissertação, fica o aviso para o leitor: evitar a adesão directa e imediata às ideias dos autores, à imagem estática e estereotipada da luz e da sombra, quer por uma simpatia pró-aureliana quer por uma tendência anticomodiana. Nenhum dos relatos tenta alcançar pressupostos mais profundos, por exemplo, a qualificação moral dos imperadores é relativa a uma matriz sentimental dos vários escritos – a sua maldade ou bondade concebe-se como absoluta e nunca é relativizada à posição do narrador. Nunca surge a ideia de que Marco Aurélio ou Cómodo foram instrumentos conscientes ou inconscientes de grupos sociais que se opunham ao monopólio do poder senatorial, tais horizontes históricos são difíceis de recompor, mas, mesmo não sendo de uma forma sistemática, tenta clarificar-se todos os vectores de uma verdadeira realidade histórica.

A presente investigação procurou desmistificar o conjunto de convenções criadas em torno destes dois imperadores, posicionando frente-a-frente características demasiado opostas e clarificando alguns rumores, antíteses retóricas, sarcasmos e representações caricaturadas. Para empreender as vertentes de propaganda destes imperadores, focou-se o nível da linguagem e a explicação de alguns termos tido na historiografia. Ao mencionar arquétipos e estereótipos, verifica-se não só elementos reais, mas também dados moralizantes que resultam numa recriação definida e concreta da figura dos imperadores. Os modelos de luz e sombra, governante ideal e tirano, são pontos-chave para a compreensão histórica, mas entenda-se também que são estratégias psicológicas que servem exigências políticas, predominantemente da aristocracia.

Em resumo, os arquétipos definem-se assim, de um para o outro: presença ou ausência de virtudes e vícios; bondade e crueldade; altruísmo e egoísmo; coragem e cobardia; benevolência que gera generosidade e maldade que cria intrigas e ambição de poder, culminando em conspirações; horror a sangue e mortes em espiral sanguinária interminável; estabilidade de um governante ideal e instabilidade como nota dominante da tirania; excelência moral e corrupção de carácter; e dignidade suprema e arbítrio negro de proscricções.

A *Historia Augusta*, Dión Cássio e Herodiano expressam também a sensação de decadência e crise do Império Romano, estipulando este tipo de imagens estereotipadas através da mentalidade senatorial conservadora. A historiografia responde

Conclusão

paralelamente a uma conjuntura temporal determinada por crise política, confrontos ideológico-religiosos e transformações sociais¹.

A historiografia antiga fixou o modelo e contra-modelo. Aurélio é um modelo de excepção que representa a dinastia Antonina e Cómodo é o contra-modelo que se cola à imagem de Calígula, Nero ou Domiciano. As imagens historiográficas sobrevivem à Antiguidade, passando pela medievalidade, reforçadas pelo Renascimento, até à contemporaneidade que tende a criticar a historiografia. A imagem de Cómodo é elaborada por um sector da *nobilitas* romana, apontado como o responsável pela ruína política na sucessão do (sempre considerado) imperador-filósofo. A imagem de Cómodo é desenhada claramente *ex contrario* à de Marco Aurélio

Todos estes rasgos de luz e sombra são tópicos puros das duas imagens estereotipadas. Considere-se, sobretudo, o carácter real das anedotas e notícias pontuais, individualmente consideradas, e verifique-se cada relato no seu conjunto. Passa-se do mito à realidade, na presença de retratos físicos e psicológicos destas duas personagens históricas, explorando a sua vida pública (subida ao poder ou gestão político-administrativa do Império) e a sua vida privada (predisposições intelectuais ou sexualidade). Verificou-se o contraste entre o *princeps* bondoso, mestre do mundo, e o tirano, monstro imperial. Estes estereótipos de luz e sombra podem ser vistos como uma tentativa de reabilitação das personagens históricas², mas trata-se simplesmente de um aviso ao leitor. Fica a possibilidade de se estar diante de uma ficção gigantesca montada com peças previamente fabricadas para criar a utopia do governante ideal e a fantasmagoria do tirano próprio de fim dinástico, ou seja, a criação de um género literário, que alguns autores designam como «mitistória», do grego *mythistoria*³.

¹ Yébenes, S. P., *Mitos Griegos e Historiografía Antigua*, Sevilla, 2000, 117-162.

² Martin, R. F., *Les Douze Césars – Du Mythe à la Réalité*, Paris, 11-46 e 293-388.

³ Syme, R., «Propaganda in the Historia Augusta» *REL* 37, 1978, 123 e ssq.; *Emperors and Biography – Studies in the Historia Augusta*, Oxford, 1971, 13.